

## ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM PORTUGAL – Posicionamento em Escalas de Importância Social e Expectativas<sup>1</sup>

José Luís Casanova

---

### Introdução

Com um conjunto diversificado de perguntas do questionário aplicado a estudantes de licenciatura em Portugal pretendeu-se observar como é que os inquiridos se posicionavam em diversas escalas de importância social.

Estas auto-avaliações em termos de importância social são representações de posição social num sistema estratificado cuja explicação e compreensão passam em boa parte pelo esclarecimento das posições sociais (e do sentido dessa posição na trajetória) em que são produzidas<sup>2</sup>. Analisar posicionamentos em termos de importância social implica, ainda, ter em conta diferenças de orientações socioculturais: o maior ou menor investimento no prestígio social e o que é tomado por adquirido como socialmente importante insere-se em quadros de valores socialmente diversos. Estas orientações socioculturais radicam também, por sua vez, em posições (e trajetórias) sociais diferentes mas podem variar conforme essa posição social seja mais ou menos aberta e esteja mais ou menos exposta à interação com outras ideias e orientações. As posições sociais, os traços culturais e os quadros de interação parecem ser, pois, dimensões imprescindíveis na análise dos posicionamentos no plano da importância social<sup>3</sup>.

No caso presente, tratando-se de uma população estudante de licenciatura, presume-se que os posicionamentos em termos de importância social que se pretendem aqui analisar dependerão significativamente da avaliação que os estudantes fazem do lugar que as instituições de ensino superior e seus

---

<sup>1</sup> Esta comunicação insere-se no projecto *Os Estudantes de Licenciatura em Portugal* em que participam João Ferreira de Almeida (coordenador), António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, José Luís Casanova, Rosário Mauritti, Patrícia Ávila e Susana Martins. Este projecto está integrado no *Observatório Permanente da Juventude Portuguesa*, coordenado por José Machado Pais, enquadrado no Instituto de Ciências Sociais e financiado pela Secretaria de Estado da Juventude. Os resultados incluídos na comunicação decorrem de um inquérito aplicado a uma amostra representativa de 2000 estudantes de licenciatura em Portugal, estratificada por área científica, região do estabelecimento de ensino e tipo de ensino (público/privado).

<sup>2</sup> Tais representações de posição social constituem, por sua vez, uma mediação entre a posição social e as tomadas de posição: «entre a posição realmente ocupada e as tomadas de posição interpõe-se uma representação de posição que, ainda que seja determinada pela posição (na condição de a definirmos completamente, quer dizer, também diacronicamente), pode estar em desacordo com as tomadas de posição que a posição parece implicar para um observador exterior» citação de Pierre Bourdieu, (1979), *La Distinction*, Paris, Minuit, p. 529. Esta referência teórica global foi utilizada anteriormente num trabalho em que a questão dos posicionamentos em termos de importância social dos estudantes do ensino superior é desenvolvida - ver António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), "Estudantes e amigos – trajetórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, vol. XXV (105-106), pp. 193-221. Ver, também, métodos de determinação de *status* em João Ferreira de Almeida, (1986), *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS, pp.48-76. A problematização do posicionamento em termos de importância social mobilizando a noção de *status* deve-se sobretudo ao trabalho de Weber e do estrutural-funcionalismo - ver M. Weber, "Classes, *status* e partidos", in M. Braga da Cruz (org.), (1989), *Teorias Sociológicas*, vol 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, W. Lloyd Warner et al., (1963), *Yankee City*, New Haven e Londres, Yale University Press, A. P. M. Coxon, P. M. Davies e C. L. Jones, (1986), *Images of Social Stratification*, Londres, Sage Publications e B. S. Turner, (1989), *Status*, Editorial Estampa, Lisboa.

<sup>3</sup> A importância da articulação destas três dimensões na análise sociológica é desenvolvida em António Firmino da Costa, (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.

graduados têm na sociedade portuguesa, e da importância social particular que atribuem ao curso e à área de formação que frequentam.

Os estudantes de licenciatura constituem um universo com origens sociais diversas, essencialmente jovem e sem experiência de trabalho, o que limita a sua classificação em termos de lugar de classe, mas que integra também alguns estudantes-trabalhadores. A definição das posições sociais pertinentes na análise das variações nos posicionamentos de importância social levanta, pois, alguns problemas decorrentes da especificidade desta população. Apesar disto, é importante ter presente que a sua situação de estudantes de ensino superior aponta para destinos virtuais de classe socialmente próximos e eventuais processos de mobilidade social nunca descendentes.

Com o objectivo de captar posições sociais pertinentes na explicação dos posicionamentos, mobilizou-se um conjunto alargado de variáveis que definam trajectos e propriedades dos estudantes entre as quais se contam a classe social de origem, a escolaridade dos pais, a condição perante o trabalho, o sexo, a área de formação no ensino superior, e as propriedades escolares dos estudantes.

Antes de observar que variações são introduzidas nos posicionamentos quando se têm em conta posições sociais diversas, passamos a descrever alguns resultados respeitantes à globalidade dos inquiridos na amostra.

### Posicionamento em escalas de importância social

No que se refere a resultados globais (ver Quadro 1), verifica-se que a maioria dos estudantes de licenciatura afirmam um posicionamento “médio-alto” em termos de importância social (a maioria situou-se no grau 7<sup>4</sup>, numa escala de 1 a 10, respectivamente o grau mais baixo e o mais alto da escala), mas uma percentagem igualmente elevada situou-se numa posição “média-baixa” (grau 5). Ainda que sem termo de comparação, podemos inferir a partir destes resultados que, para boa parte dos estudantes, a frequência da licenciatura representará, pois, só por si uma posição de algum destaque na sociedade portuguesa. A este relativo destaque não é certamente estranho o grau de escolaridade elevado que os estudantes atingiram.

**Quadro 1**  
Posicionamento global actual do inquirido e dos pais (% em coluna)

Grau	Posicionamento global actual do inquirido	Posicionamento global dos pais
10 (alto)	2.6	8.1
9	4.1	16.8
8	18.8	27.8
7	25.1	20.8
6	18.8	12.1
5	24.0	10.2
4	4.3	2.6
3	1.7	1.2
2	0.4	0.3
1 (baixo)	0.2	0.1

Entretanto, os dados no Quadro 1 permitem constatar que os inquiridos consideram que têm um prestígio social ligeiramente mais baixo do que os seus pais (a quem atribuíram maioritariamente o grau 8). Esta minimização face aos pais poderá ficar a dever-se a uma valorização pelos estudantes da importância social associada à posição de activo (a maior parte dos pais destes estudantes não tem o ensino superior e portanto a sua imagem mais valorizada não deverá decorrer da sua escolarização).

<sup>4</sup> O valor retido como referência na análise é o grau de importância social correspondente à Moda estatística das respostas.

Quando distribuído por diversas dimensões de estratificação, o posicionamento actual dos estudantes é visivelmente diferenciado (ver Quadro 2). Destaca-se aí a sua posição em termos de escolaridade e profissão<sup>5</sup> (ambas de grau 8) e culturalmente (grau 7). Entre estas, a escolaridade sobressai como o factor preponderante nas representações de posição actual dos inquiridos<sup>6</sup>.

No que se refere a rendimento<sup>7</sup>, poder e prestígio o seu posicionamento é avaliado como menos elevado (grau 5). Na dimensão relativa ao prestígio verifica-se a existência de uma divisão marcada nos estudantes: um conjunto com um valor percentual próximo da Moda estatística posiciona-se no grau 7.

**Quadro 2**  
Posicionamento actual em várias dimensões (% em coluna)

	Rendimento	Escolaridade	Profissão	Cultura	Poder	Prestígio
<b>10 (alto)</b>	0.8	6.0	4.9	2.1	1.3	2.1
<b>9</b>	1.6	21.7	11.9	9.1	1.4	4.5
<b>8</b>	8.3	<b>36.6</b>	<b>23.3</b>	25.0	4.2	11.9
<b>7</b>	15.3	21.7	18.1	<b>28.7</b>	9.7	20.4
<b>6</b>	15.5	8.5	11.6	19.1	13.3	15.5
<b>5</b>	<b>22.7</b>	4.1	13.2	11.6	<b>23.4</b>	<b>22.9</b>
<b>4</b>	10.2	0.9	4.7	2.9	14.5	9.1
<b>3</b>	7.2	0.3	2.8	1.1	13.9	6.1
<b>2</b>	5.3	0.1	2.2	0.3	8.8	4.6
<b>1 (baixo)</b>	13.1	0.1	7.2	0.2	9.5	3.0

A consideração do prestígio como uma dimensão particular de estratificação permite avaliar em que medida se associa “importância social” e “prestígio”, ou seja, em que medida uma escala de prestígio pode ser utilizado como indicador que sintetiza as representações de posição social. Os resultados nos Quadros 1 e 2 mostram, de facto, algum paralelismo entre os posicionamentos globais e os posicionamentos em termos de prestígio: em ambos casos as maiores percentagens situam-se nos graus 5 e 7, se bem que a ordem dos pesos percentuais seja invertida (a Moda dos posicionamentos globais é o 7 enquanto na dimensão prestígio é o 5). Para este universo, o posicionamento numa escala de prestígio parece ser, pois, um indicador global razoável da posição em termos de importância social.

Apesar de exibir aqui esta propriedade, a dimensão relativa ao prestígio não esgota a informação que nos é dada pelas outras escalas: veja-se o caso da Moda estatística no grau 8 nas dimensões da escolaridade (precisamente aquela a que os inquiridos dão mais relevo) e da profissão que não tem visibilidade equivalente na estratificação do prestígio.

Estes resultados confirmam o interesse analítico do estudo dos posicionamentos sociais em diversas dimensões de estratificação, dando-se assim conta da diversidade de critérios em jogo na afirmação de importância social.

As expectativas que os estudantes de licenciatura têm relativamente à sua situação daqui a 20 anos (ver Quadro 3) representam posições com uma maior “consistência de status”, posições estas sempre mais elevadas por relação às actuais, mas mantendo o mesmo perfil, em que sobressaem a escolaridade, a profissão e a cultura (grau 9). A maior inconsistência dos posicionamentos actuais

<sup>5</sup> É possível que este resultado contenha avaliações com referenciais diferentes conforme os inquiridos estivessem ou não a trabalhar na altura do inquérito, o que diminui o seu interesse sem outros desenvolvimentos analíticos. Os estudantes-trabalhadores avaliaram a sua profissão actual? Os que apenas estudam avaliaram a sua profissão futura?

<sup>6</sup> Note-se que os graus mais altos (8, 9 e 10) na escolaridade abarcam 64% das respostas, resultado sem paridade nas restantes dimensões.

<sup>7</sup> Também aqui são válidas as considerações formuladas a propósito dos resultados referentes à profissão. Quer no caso do rendimento quer no da profissão registaram-se muitas ausências de resposta (trata-se de estudantes que não trabalham) e portanto as percentagens apresentadas referem-se a valores absolutos mais baixos do que nas dimensões restantes.

anteriormente observada surge, pois, como uma situação conjuntural, de passagem, associada à condição de estudante não activo.

A escolaridade continua a ser, nas projecções que estes estudantes fazem para o futuro, o fundamento mais afirmado da sua importância social<sup>8</sup>. A escolarização constitui, pois, para os estudantes de licenciatura uma dimensão relevante do prestígio social e aquela, de entre as retidas, relativamente à qual esperam maior reconhecimento social. É, pois, de esperar que para os estudantes diferenças de escolaridade se traduzam em diferenças de importância social.

As promoções mais pronunciadas são, entretanto, no rendimento, poder e prestígio (passam todos do grau 5 para o 8).

A representação de posição em termos de poder é a mais baixa entre todas as dimensões quer na avaliação actual, quer na projecção no futuro. É possível que estas avaliações minimizantes fiquem a dever-se sobretudo a uma interpretação do poder enquanto instância essencialmente político-partidária<sup>9</sup>.

Os posicionamentos na escala de prestígio dividem-se, na prática, entre os graus 8 e 9, posições que podem corresponder às projecções respectivas dos estudantes que se situaram nos graus 5 e 7 nos posicionamentos actuais. Observa-se, ainda, que o indicador relativo ao prestígio retrata melhor os posicionamentos futuros nas diversas dimensões do que os posicionamentos actuais (o que poderá, em parte, dever-se a uma maior indiferenciação das respostas decorrente da maior indeterminação das posições no futuro).

**Quadro 3**  
Posicionamento futuro em várias dimensões (% em coluna)

	Rendimento	Escolaridade	Profissão	Cultura	Poder	Prestígio
<b>10 (alto)</b>	10.8	33.4	17.0	14.3	6.3	11.9
<b>9</b>	19.1	<b>36.9</b>	<b>31.4</b>	<b>38.2</b>	13.1	24.3
<b>8</b>	<b>32.9</b>	18.9	30.2	29.0	<b>22.3</b>	<b>24.4</b>
<b>7</b>	21.2	6.8	13.4	12.1	19.8	16.9
<b>6</b>	8.5	2.3	4.0	3.9	14.6	8.7
<b>5</b>	5.8	1.2	2.8	1.7	13.1	8.1
<b>4</b>	1.2	0.4	0.8	0.3	4.7	2.7
<b>3</b>	0.2	0.1	0.2	0.2	2.7	1.5
<b>2</b>	0.2	0.1	0.1	0.0	1.3	0.7
<b>1 (baixo)</b>	0.3	0.1	0.2	0.2	2.1	0.8

A frequência da licenciatura e as inserções socioprofissionais virtuais que são associadas pelos estudantes a esta formação são, pois, consideradas pelos inquiridos como factores de desenvolvimento da sua importância social (para graus muito elevados: 8 e 9, em 10) em todas as dimensões retidas. A imagem de posição social futura é ainda avaliada pelos inquiridos como aproximadamente equivalente em termos escolares, profissionais, culturais, económicos, políticos e simbólicos.

As convergências mais nítidas entre os estudantes parecem passar, entretanto, por uma valorização dos atributos escolares, sobretudo, e também culturais e profissionais (que assomam tanto nos posicionamentos actuais como nos futuros) o que contribui para a ideia de que as expectativas de melhoria da sua posição em termos de rendimento, poder e prestígio poderão ser mais propriamente associadas à passagem à vida activa.

Para a globalidade dos inquiridos, as instituições de ensino superior na sociedade portuguesa representam pois meios sociais que conferem prestígio social, principalmente decorrente da qualificação escolar, mas também profissional e cultural.

<sup>8</sup> Os graus mais elevados (9 e 10) na escolaridade abarcam aqui 70%, mais uma vez o valor mais alto de entre as diversas dimensões.

<sup>9</sup> No mesmo sentido, ver António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), "Estudantes e amigos – trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, vol. XXV (105-106), p. 213.

Estes resultados dizem respeito à globalidade dos estudantes da amostra. Tão ou mais importante que esta análise é verificar como é que situações sociais desiguais contribuem para diferenciar tais posicionamentos.

### Posições sociais e posicionamentos actuais

No que se refere ao posicionamento global actual em termos de importância social, os estudantes que se situam em graus relativamente mais elevados são aqueles cujos pais têm o ensino superior ou secundário, e são empresários, dirigentes e liberais, profissionais técnicos ou de enquadramento, ou assalariados executantes pluriactivos<sup>10</sup>.

Os estudantes do sexo masculino também se autoposicionam num grau mais elevado do que o sexo feminino.

Os alunos das áreas de Economia e Gestão, Ciências Naturais e Matemática, e Ciências Médicas, por sua vez, situam-se em graus mais altos que os alunos de Letras e Artes, Ciências Sociais, Direito e Engenharias<sup>11</sup>.

A classe social de origem, a escolaridade dos pais (e, portanto, a trajectória de classe e especificamente escolar), o sexo e a área de formação dos estudantes diferenciam, pois, os seus posicionamentos em termos de importância social. Como é que se pode explicar a diferenciação enunciada?

Os estudantes provenientes de classes com recursos escolares (e económicos) elevados, ou seja, com trajectórias estacionárias, estão entre os que afirmam posicionamentos mais altos<sup>12</sup>. A paridade entre os capitais escolares elevados do próprio e dos pais parece, pois, traduzir-se em expectativa de maior reconhecimento social. No entanto, o posicionamento igualmente elevado dos filhos de assalariados executantes pluriactivos parece requisitar interpretações complementares.

O aspecto em que os estudantes mais se destacam na imagem de posição social que atribuem a si próprios é, como vimos anteriormente, a escolaridade. É, pois, possível que, entre outros factores, diferentes propriedades escolares dos estudantes se traduzam decisivamente em distintos autoposicionamentos no plano do prestígio social. Avaliando a sua importância social como decorrente do

<sup>10</sup> Estas classes sociais foram determinadas usando a tipologia desenvolvida por António Firmino da Costa em *Sociedade de Bairro*, (1999), Celta Editora, Oeiras, pp. 226-245, que tem como referência o modelo desenvolvido em João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, (1988), "Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº4. As modalidades resultam do cruzamento entre o lugar de classe do pai e da mãe dos estudantes, e são as seguintes: empresários, dirigentes e liberais; profissionais técnicos ou de enquadramento; trabalhadores independentes (comerciantes, artesãos, camponeses, etc); trabalhadores independentes pluriactivos (categoria que resulta do cruzamento de trabalhadores independentes com empregados executantes, operários industriais ou assalariados agrícolas); empregados executantes; operários industriais; assalariados executantes pluriactivos (categoria que resulta do cruzamento entre empregados executantes, operários industriais e assalariados agrícolas).

<sup>11</sup> Os resultados são os seguintes:

- estudantes cujos pais têm o ensino superior ou secundário – grau 7; outros graus de ensino – grau 5;
- estudantes cujos pais são empresários, dirigentes e liberais, ou profissionais técnicos ou de enquadramento, ou assalariados executantes pluriactivos – grau 7; empregados executantes – grau 5 ou 7; trabalhadores independentes, trabalhadores independentes pluriactivos ou operários industriais – grau 5;
- estudantes do sexo masculino – grau 7; feminino – grau 5;
- estudantes das áreas de Economia e Gestão, Ciências Naturais e Matemática, e Ciências Médicas – grau 7; Letras e Artes, Ciências Sociais, Direito e Engenharias – grau 5.

<sup>12</sup> Esta explicação é relevada em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), "Estudantes e amigos – trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, vol. XXV (105-106), pp. 207-213.

seu “valor escolar”, os que têm propriedades escolares mais favoráveis tenderiam a autoposicionar-se em graus mais elevados de importância social.

Num outro trabalho sobre a população discente do ensino superior em Portugal<sup>13</sup> verificou-se que os estudantes universitários com menores taxas de reprovação e com taxas de excelência escolar (classificações) mais elevadas são os filhos de pais com escolaridades elevadas e que são professores, dirigentes, quadros ou técnicos superiores, e profissionais liberais. Os estudantes universitários do sexo feminino têm também propriedades escolares relativamente mais favoráveis que as do sexo masculino. Observou-se, ainda, que também os estudantes que são filhos de operários ou de assalariados agrícolas e das pescas, e/ou que têm menos de 4 anos de escolaridade apresentam taxas de excelência escolar que, não sendo as mais elevadas, são relativamente mais favoráveis que as dos estudantes provenientes de outras famílias com maiores recursos. No que se refere às áreas de formação, aquelas em que os alunos apresentam propriedades escolares mais favoráveis são a Engenharia e a Saúde; os alunos de Matemática e Ciências, e de Humanidades (Letras), pelo contrário, têm propriedades escolares menos favoráveis que a média<sup>14</sup>.

Partindo do pressuposto de que na nossa amostra a distribuição de propriedades escolares é semelhante poderíamos, pois, explicar o autoposicionamento mais destacado de importância social dos filhos de pais com maiores capitais escolares e económicos pela estacionaridade, anteriormente referida, e pelo facto de serem também os que têm propriedades escolares mais favoráveis (estes dois aspectos estão, de resto, relacionados já que, como se sabe, a bondade destas propriedades nos estudantes decorre em boa parte do grau de familiaridade dos pais com a formação escolar, como tem sido demonstrado, entre outros, pelo trabalho de P. Bourdieu<sup>15</sup>).

No caso dos filhos de assalariados executantes pluriactivos (categoria onde se incluem empregados executantes, operários ou assalariados agrícolas e, portanto, equiparável à categoria que integra operários ou assalariados agrícolas e das pescas na amostra do estudo referido<sup>16</sup>) é possível que propriedades escolares também aqui favoráveis (e o mérito que provavelmente lhes é associado, dado o maior investimento relativo necessário à sua realização, se tivermos em conta a distância objectiva e subjectiva dos pais à formação escolar e os seus escassos recursos económicos) sejam representadas por estes estudantes como socialmente prestigiantes. Estamos perante trajectos ascendentes (que revelam diferenças marcadas entre o capital escolar de origem e actual), também estes resultando em posicionamentos sociais elevados, ainda associados a propriedades escolares favoráveis<sup>17</sup>.

O autoposicionamento mais elevado do sexo masculino, entretanto, já não poderia ser explicado pelas suas propriedades escolares se estas forem, como no

<sup>13</sup> Vd. Manuel Braga da Cruz, M. Eduarda Cruzeiro, Ema C. M. Leandro e Nelson Matias, (1992), *A PGA e os Estudantes Ingressados no Ensino Superior*, Instituto de Ciências Sociais, relatório de pesquisa, pp 41-57. As propriedades escolares aqui retratadas dizem respeito ao percurso escolar anterior à entrada no ensino superior.

<sup>14</sup> A comparabilidade dos resultados deste trabalho com o nosso tem limites, nomeadamente impostos por modelos metodológicos distintos. No entanto, é importante cruzar a informação de ambos estudos, o que se traduz em apreciações que podem sempre ser reavaliadas em trabalhos posteriores.

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, (s/d), *A Reprodução*, Lisboa, Editorial Vega, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, (1985), *Les Héritiers*, Paris, Les Éditions de Minuit, e Pierre Bourdieu, (1984), *Homo Academicus*, Paris, Les Éditions de Minuit.

<sup>16</sup> Vd. Manuel Braga da Cruz, M. Eduarda Cruzeiro, Ema C. M. Leandro e Nelson Matias, (1992), *A PGA e os Estudantes Ingressados no Ensino Superior*, Instituto de Ciências Sociais, relatório de pesquisa, pp 41-57.

<sup>17</sup> A escolaridade dos pais não parece suficiente para explicar esta particularidade dos filhos de assalariados executantes pluriactivos: a escolarização nesta classe de origem é semelhante à dos operários, ainda que ligeiramente mais baixa, e inferior à escolarização dos empregados executantes que não têm um peso tão evidente nos posicionamentos altos (resultados apurados a partir da nossa amostra).

estudo referenciado, menos favoráveis que as do sexo feminino<sup>18</sup>. O sexo masculino naturaliza, assim, como importância social a posição (e o trajecto) tradicionalmente mais favorável em termos sociais relativamente ao sexo feminino, sobrepondo este critério ao das propriedades escolares? Isto significaria que a condição social favorável do sexo masculino só por si implica, para estes estudantes, um acréscimo de capital simbólico relativamente ao sexo feminino.

Quanto aos resultados relativos às áreas de formação eles são mais difíceis de explicar dada a complexidade de factores em causa. Por exemplo, o posicionamento mais elevado dos alunos de determinadas áreas pode ficar a dever-se ao facto de nessas áreas predominarem origens sociais privilegiadas (trajectórias estacionárias) e/ou propriedades escolares mais favoráveis, e também a considerarem que a sua área de formação tem uma importância social mais elevada que as outras. A representação mais elevada de posição social dos estudantes de Ciências Médicas explica-se pela conjunção simultânea destes factores (as suas propriedades escolares estarão entre as mais favoráveis, como vimos atrás, são essencialmente filhos de empresários, dirigentes e liberais, ou de profissionais técnicos ou de enquadramento<sup>19</sup>, e posicionam o curso de Medicina no grau mais elevado de importância social<sup>20</sup>).

Já a representação elevada de posição social no caso dos alunos de Ciências Naturais e Matemáticas não pode ser explicado do mesmo modo: não se trata de uma área de formação destacada em termos da sua importância social (os seus alunos atribuem graus não muito elevados de importância a licenciaturas como Matemática ou Biologia<sup>21</sup>), nas origens de classe dos seus alunos não sobressaem capitais escolares ou económicos muito elevados (trata-se, sobretudo, de operários industriais, trabalhadores independentes pluriactivos e profissionais técnicos ou de enquadramento, por ordem decrescente de peso proporcional<sup>22</sup>), e, como vimos poderão ter também propriedades escolares menos favoráveis do que a média. A predominância de estudantes do sexo masculino poderia também ser um factor explicativo do posicionamento elevado, mas nesta área de formação predomina o sexo feminino<sup>23</sup>. Qual será, então, a medida do elevado posicionamento destes estudantes em termos de importância social? Estará aqui representado o maior investimento relativo e o mérito que são socialmente atribuídos ao domínio de disciplinas como a Matemática?

No seu conjunto, estes resultados demonstram fundamentalmente a grande variabilidade de dimensões e justificações que diferentes sectores sociais mobilizam como relevantes na definição do que são posições socialmente importantes. Em geral são invocados aspectos da posição e da trajectória social que os inquiridos julgarão ser melhor julgados pelos outros. Estes “outros”, eleitos para poderem julgar, nem sempre são os mesmos, o que contribui para complexificar a análise. Não iremos aqui desenvolver este tema mas parece plausível admitir que os “outros” sejam principalmente grupos de referência (na acepção mais lata da noção).

No quadro 4 comparam-se as características sociais dos estudantes que se destacam nos graus mais baixos e mais elevados dos posicionamentos actuais e

<sup>18</sup> Não há diferenças sugestivas nas origens de classe de estudantes do sexo masculino e feminino. A distribuição percentual dos dois sexos nas diversas áreas de formação também não indicia efeitos de reforço ou atenuamento assinaláveis.

<sup>19</sup> Estes resultados decorrem de tratamentos estatísticos realizados sobre a nossa amostra.

<sup>20</sup> Este resultado decorre de uma outra pergunta do questionário aplicado à nossa amostra em que se pedia aos estudantes que atribuíssem um grau de importância social, entre 1 e 10, a licenciaturas diversas. Os alunos de Ciências Médicas situaram a licenciatura de Medicina no grau mais elevado (10).

<sup>21</sup> A Moda é 7 no caso de Biologia, e reparte-se entre o 7 e o 8 na Matemática, de acordo com os resultados apurados.

<sup>22</sup> Resultados relativos à nossa amostra.

<sup>23</sup> Resultados sempre relativos à nossa amostra.

futuros mas agora tendo em conta as diversas dimensões previstas no questionário.

Começando pelos posicionamentos actuais, uma primeira observação permite verificar a inexistência de diferenças significativas de posicionamento no que se refere à escolaridade. O grau de afirmação da escolaridade como principal factor da sua importância social não varia com as propriedades sociais dos estudantes.

Também relativamente ao rendimento não há diferenças significativas de representações de posição social; apenas os estudantes cujos pais têm o ensino superior sobressaem em posicionamentos mais elevados<sup>24</sup>. Estes estudantes também se posicionam mais alto em termos de prestígio.

Os estudantes-trabalhadores posicionam-se em graus mais elevados do que os estudantes que não trabalham no que respeita ao poder, prestígio e, com significado reduzido, à cultura. Os que apenas estudam declaram um posicionamento mais elevado na profissão.

Os estudantes cujos pais são empresários, dirigentes e liberais, profissionais técnicos ou de enquadramento, ou assalariados executantes pluriactivos posicionam-se mais alto que os outros na profissão. No prestígio, sobressaem os filhos de empresários, dirigentes e liberais, e de assalariados executantes pluriactivos.

Os inquiridos do sexo masculino posicionam-se num grau mais elevado que os do sexo feminino no que se refere ao prestígio.

Ou seja, nos posicionamentos elevados marcam presença sobretudo categorias a que estão associadas condições sociais mais favoráveis: os inquiridos cujos pais têm o ensino superior, que são empresários, dirigentes e liberais, ou profissionais técnicos ou de enquadramento, e o sexo masculino. Os estudantes-trabalhadores também poderão ser incluídos neste conjunto, se relevarmos o facto de serem mais autónomos social e economicamente do que os estudantes que não trabalham<sup>25</sup> (o que se coaduna com a importância social que os estudantes atribuem à situação de activo, interpretação suscitada a propósito do maior prestígio relativo que associaram aos seus pais).

Estes resultados vêm corroborar globalmente o que se apontou anteriormente: significam que, em geral, os estudantes com condições sociais privilegiadas traduzem em maior importância social essas vantagens.

As excepções aparentes são os estudantes cujos pais são assalariados executantes pluriactivos, nas dimensões da profissão e do prestígio, e os estudantes que não trabalham, na profissão.

No caso dos primeiros, o posicionamento alto poderá ficar a dever-se sobretudo, como vimos anteriormente, à valorização de propriedades escolares relativamente favoráveis, que não decorrem directamente de uma condição social propiciadora.

O segundo caso apenas parece justificar-se se a profissão a que se referem os estudantes que actualmente não trabalham for a sua profissão em termos de expectativas, o que impede a comparação directa com os estudantes-trabalhadores que terão avaliado a sua actual profissão.

---

<sup>24</sup> Este resultado não deve ser interpretado isoladamente (o rendimento poderá ter sido entendido diferentemente por estudantes em situações diversas: o salário dos estudantes-trabalhadores, a mesada ou o rendimento familiar dos que apenas estudam, etc.).

<sup>25</sup> As diferenças nas distribuições das classes sociais de origem e de sexo entre estas duas categorias é pouco relevante. A proporção de estudantes do sexo masculino e feminino entre os que trabalham e os que não trabalham é praticamente a mesma. As origens de classe de estudantes-trabalhadores e estudantes que não trabalham é também semelhante, ainda que os empresários, dirigentes e liberais (a classe social com maior capital económico) tenham alguma preponderância nos grupos domésticos de origem dos estudantes-trabalhadores, enquanto nos que apenas estudam são os profissionais técnicos ou de enquadramento (que representam sobretudo capitais escolares elevados) que se destacam ligeiramente.



**Quadro 4**

Posicionamento actual e futuro em várias dimensões, e variáveis de caracterização social

Dimensões	Posicionamento actual		Posicionamento futuro	
	Baixo	Elevado	Baixo	Elevado
<b>Rendimento</b>		Ens. Superior		
<b>Escolaridade</b>				Ens. Básico 2/3; OI
<b>Profissão</b>	Ens. Básico 1 ou menos; EE, OI; estudantes-trabalhadores	EDL, PTE, Aepl; apenas estudantes	TI, Tipl, EE, OI; (estudantes-trabalhadores); sexo masculino	Ens. Superior ou Secundário; EDL, PTE, Aepl; apenas estudantes; sexo feminino
<b>Cultura</b>	apenas estudantes	(estudantes-trabalhadores)	Ens. Básico 1 ou menos; TI, OI	EDL, PTE, Tipl, EE, Aepl
<b>Poder</b>	apenas estudantes	estudantes-trabalhadores	Ens. Básico 2/3; TI; apenas estudantes	EDL, PTE, Tipl, OI; estudantes-trabalhadores
<b>Prestígio</b>	PTE, Tipl, EE, OI; apenas estudantes; sexo feminino	Ens. Superior; EDL, Aepl; estudantes-trabalhadores; sexo masculino	PTE, TI Tipl; EE, Aepl; estudantes-trabalhadores; (sexo masculino)	Ens. Superior e Básico 2/3; EDL, OI; (apenas estudantes); (sexo feminino)

NOTA: Os graus de escolaridade referem-se aos pais dos estudantes (o “Ensino Básico 1 ou menos” engloba até 4 anos de escolaridade; o “Básico 2/3” representa entre 6 e 9 anos de escolaridade; o “Secundário” corresponde a 10, 11 ou 12 anos de escolaridade).

As categorias em sigla são as classes sociais dos pais dos estudantes (EDL – empresários, dirigentes e liberais; PTE – profissionais técnicos ou de enquadramento; TI – trabalhadores independentes; Tipl – trabalhadores independentes pluriactivos; EE – empregados executantes; OI – operários industriais; Aepl – assalariados executantes pluriactivos). As classes sociais que não constam do quadro são as que correspondem a posicionamentos intermédios (nem os mais baixos, nem os mais elevados).

Registou-se também se os inquiridos são estudantes-trabalhadores ou se apenas estudam.

Registou-se igualmente o sexo dos estudantes.

As categorias entre parênteses correspondem a resultados pouco significativos

Nos posicionamentos baixos surgem fundamentalmente estudantes com condições sociais mais desfavoráveis: os que têm pais com escolaridades reduzidas, que são empregados executantes, operários industriais ou trabalhadores independentes pluriactivos, e o sexo feminino. Os estudantes que não trabalham poderão ser também aqui incluídos se (simetricamente ao que foi dito em relação aos estudantes-trabalhadores) relevarmos a sua menor autonomia.

Os casos que não se integram tão bem nesta interpretação são as representações baixas de posição dos estudantes-trabalhadores na profissão e dos filhos de profissionais técnicos ou de enquadramento no prestígio. O primeiro resultado pode dever-se ao facto de os estudantes-trabalhadores fazerem prevalecer uma desvalorização da sua profissão actual relativamente ao valor da autonomia social e económica. O que mostra até que ponto é relativo o valor da condição de activo nas representações de importância social dos estudantes.

Quanto ao segundo resultado, pode significar que há uma clivagem significativa de posicionamento em termos de prestígio no interior do conjunto dos estudantes descendentes de profissionais técnicos ou de enquadramento, clivagem essa que poderá ficar a dever-se à diferença de capitais escolares dos pais, já que os estudantes cujos pais têm o ensino superior se situaram em grau mais elevado de posicionamento, como se pode ver no Quadro 4<sup>26</sup>. Isto converge para sustentar a presumível centralidade que a escolaridade tem enquanto critério de avaliação de importância social entre os estudantes.

Estes resultados reflectem genericamente a análise mais grosseira que foi feita num ponto anterior tendo como base uma estratificação unidimensional, mas são bastante mais ricos em informação.

<sup>26</sup> Convém sublinhar que os profissionais técnicos ou de enquadramento envolvem trabalhadores por conta de outrem com capitais escolares elevados ou médios e/ou recursos organizacionais intermédios e que, portanto, só alguns têm o ensino superior.

## Posições sociais e posicionamentos futuros

Ainda com base no Quadro 4 passamos agora a analisar os posicionamentos em termos de importância social que os inquiridos esperam ter num prazo de 20 anos, os quais, como observámos, são genericamente mais elevados que os posicionamentos actuais.

Parece não haver expectativas socialmente diferenciadas no que respeita à importância social em termos de rendimento.

Nos posicionamentos mais elevados destaca-se a presença dos estudantes filhos de empresários, dirigentes e liberais nas dimensões relativas à profissão, cultura, poder e prestígio. São acompanhados nas três primeiras dimensões pelos filhos de profissionais técnicos ou de enquadramento. Os descendentes de operários industriais, que também demonstram expectativas elevadas em termos de poder e prestígio, distinguem-se isoladamente nas expectativas altas em termos de escolaridade. Os estudantes com pais trabalhadores independentes pluriactivos têm maiores expectativas em termos de cultura e poder. Os filhos de assalariados executantes pluriactivos sobressaem na profissão e na cultura. Os que têm pais empregados executantes situam-se num grau elevado em termos de cultura.

Verifica-se, portanto, que são os estudantes descendentes de empresários, dirigentes e liberais que estão presentes em mais dimensões nas expectativas elevadas de importância social e que têm, pois, expectativas mais consistentes nas diversas dimensões consideradas. Mas todas as origens de classe estão representadas nas expectativas elevadas, se exceptuarmos os trabalhadores independentes.

Os estudantes cujos pais têm o ensino superior posicionam-se também mais alto na profissão e no prestígio, aqueles cujos pais têm o ensino básico 2/3 situam-se em grau mais elevado na escolaridade e no prestígio, enquanto os que descendem de pais com o ensino secundário sobressaem na profissão. Estão aqui representados todos os graus de escolaridade dos pais excepto os mais baixos (ensino básico 1 ou menos).

Os estudantes-trabalhadores projectam-se favoravelmente em termos de importância social na dimensão do poder, enquanto os estudantes que não trabalham se destacam na profissão e, menos significativamente, no prestígio. Ambas condições perante o trabalho dos estudantes estão aqui representadas.

Os inquiridos do sexo feminino afirmam expectativas mais elevadas na profissão e, apenas ligeiramente mais elevadas do que as do sexo masculino, no prestígio. O sexo masculino não se destaca nas expectativas em nenhuma dimensão.

Quase todos os sectores sociais considerados nesta análise surgem em pelo menos uma das dimensões nos posicionamentos mais elevados em termos de importância social a um prazo de 20 anos (apenas estão ausentes, como vimos, os estudantes com pais trabalhadores independentes, ou com o ensino básico, e o sexo masculino). Isto reflecte a mobilidade nunca descendente e a proximidade social dos destinos virtuais de classe dos estudantes de ensino superior a que aludimos no início. Estes posicionamentos são, portanto, socialmente mais diferenciados do que os posicionamentos actuais, estes muito marcados, como se viu, pelas diferenças de condição social. Cada feixe de expectativas representará um investimento particular considerado viável por um sector social determinado, e uma forma específica de encarar e apropriar socialmente as instituições de ensino superior em Portugal.

No que diz respeito às posições mais baixas, as escolaridades reduzidas dos pais (ensino básico 1 e básico 2/3) reflectem-se em posicionamentos futuros abaixo da média na cultura e no poder. Nas expectativas menos elevadas destacam-se, ainda, pela sua presença simultânea na profissão, na cultura, no poder e no prestígio os estudantes provenientes de grupos domésticos de trabalhadores independentes. São acompanhados pelos filhos de trabalhadores

independentes pluriactivos e empregados executantes, na profissão e no prestígio, pelos descendentes de operários industriais, na profissão e na cultura, e pelos filhos de profissionais técnicos ou de enquadramento no prestígio.

Os estudantes-trabalhadores têm expectativas menos elevadas no prestígio e, menos significativamente, na profissão, mas também os que apenas estudam se posicionam mais baixo no poder.

O sexo masculino situa-se em graus mais baixos de importância social na profissão.

Em síntese, os estudantes com condições sociais privilegiadas e propriedades escolares favoráveis, que sustentam globalmente os posicionamentos actuais elevados (como vimos anteriormente), mantêm-se nos posicionamentos mais elevados e consistentes nas expectativas futuras no plano da importância social.

Registe-se, porém, a ausência do sexo masculino e a sua substituição pelo sexo feminino nas expectativas mais altas. Se entendermos as expectativas sociais como projecções no futuro de investimentos sociais considerados viáveis, este último resultado significa que a frequência de uma licenciatura continua a representar para o sexo feminino, em Portugal, uma possibilidade de emancipação da sua condição tradicional socialmente desfavorável, sobretudo em termos profissionais (dimensão em que as suas expectativas se destacam, como vimos anteriormente). Trata-se, naturalmente, de expectativas. O grau e as formas de concretização dessas expectativas constituem outra questão.

Mas um outro dado interessante das representações de posição social no futuro é o de, diferentemente do que se passa nos posicionamentos actuais, nas expectativas mais elevadas encontrarmos ao lado dos estudantes com condições sociais e propriedades escolares mais favoráveis quase todas as restantes situações sociais, incluindo as origens sociais de menores recursos. Muitas destas categorias (caso dos operários industriais, dos empregados executantes e dos trabalhadores independentes pluriactivos, ou do ensino básico 2/3, que se referem aos pais dos estudantes) encontram-se simultaneamente nas posições mais altas e mais baixas das expectativas. O que significa que há uma clivagem efectiva que atravessa estes sectores sociais diferenciando os estudantes no que respeita às expectativas.

Estes estudantes têm origens de classe associadas a recursos escolares e económicos reduzidos e propriedades escolares desfavoráveis e, no entanto, alguns deles situam-se nas expectativas mais elevadas em termos de importância social.

Mesmo a maior indeterminação envolvida nas avaliações de situações no futuro e uma eventual exacerbação de expectativas de quem parte de uma condição social de alguma restrição poderão não ser suficientes para explicar isto.

Algumas das expectativas mais elevadas dos estudantes com estas origens de classe resultarão de uma representação de “privilégio relativo”<sup>27</sup> sustentada pelos estudantes que têm principalmente amigos de classes sociais de menores recursos, ou seja com sociabilidade interclassista «para baixo», o que sublinha a necessidade de ter em conta os quadros de interacção na explicação das representações de posição social.

---

<sup>27</sup> Esta noção remete para uma propriedade importante do processo de produção das representações de posição social, que é a contextualidade dos sectores sociais de referência e que tem a ver com o facto de as representações de posição social não resultarem sempre necessariamente de comparações com os mesmos sectores sociais. No caso presente, o efeito de “privilégio relativo” explica-se do seguinte modo: «Se nas suas avaliações de posição social, os estudantes tomarem como grupo de referência, entre outros, os seus amigos, o que é bastante verosímil, então pode acontecer que a projecção que fazem do seu prestígio futuro seja sensível às diferenças de classe, no sentido de se considerarem relativamente privilegiados aqueles cujos amigos têm posições de classe actuais ou virtuais mais baixas do que eles próprios», cf. António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), “Estudantes e amigos – trajectórias de classe e redes de sociabilidade”, *Análise Social*, vol. XXV (105-106), p. 211.

No entanto, a amplitude da transversalidade da clivagem referida e sobretudo a verificação de que, no trabalho referido, os maiores pesos das expectativas elevadas se estendem a todas as formas de sociabilidade interclassista<sup>28</sup> (e não apenas as que envolvem apenas amigos com origens de classe de menores recursos), tudo isto parece exigir interpretações complementares.

É possível que propriedades escolares adquiridas na frequência da licenciatura<sup>29</sup>, em conjunto com a frequência de áreas de formação a que são associadas representações de posição social mais favoráveis, bem como o alargamento das referências culturais, das redes de relacionamento social e das sociabilidades contribuam decisivamente para aquela clivagem que diferencia, em termos de expectativas mais baixas e mais elevadas, estudantes originários de meios familiares de poucos recursos (a probabilidade de que os estudantes com sociabilidades de tipo interclassista sejam os que têm expectativas mais elevadas na dimensão de prestígio<sup>30</sup> - que, como vimos, constitui um indicador razoável de importância social em termos globais - concorre para esta ideia).

A clivagem entre expectativas mais altas e mais baixas que divide estudantes descendentes de operários industriais, de empregados executantes e de trabalhadores independentes pluriactivos não está presente, como dissemos, no caso dos inquiridos cujos pais são trabalhadores independentes, os únicos ausentes das expectativas mais elevadas e os que têm presença mais sistemática nas mais baixas. Por outro lado, no caso dos posicionamentos actuais estão ausentes quer nos altos, quer nos baixos, o que implica que se situaram em graus intermédios.

A sua origem de classe significa que os pais são trabalhadores por conta própria, têm alguns recursos económicos mas recursos escolares residuais<sup>31</sup>. Apesar da grande distância social entre este meio familiar e a formação escolar, algum investimento na escolarização sustentado por alguns recursos económicos viabilizaram a frequência de uma licenciatura para estes estudantes. Esta origem de classe, no entanto, é a que tem menor presença entre os estudantes na nossa amostra<sup>32</sup> (o que pode ilustrar um menor investimento por parte deste sector social na escolarização de grau superior). O seu posicionamento actual intermédio em termos de importância social traduz concerteza mais a sua condição socioeconómica do que as suas propriedades escolares, já que, apesar das possibilidades económicas relativamente favoráveis dos seus pais permitirem sustentar investimentos escolares prolongados, estes estudantes poderão estar entre os que têm resultados escolares menos favoráveis<sup>33</sup>. Estas propriedades escolares explicarão em parte o facto de não tomarem lugar nas expectativas de

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Note-se que as propriedades escolares que temos vindo a considerar remetem para o percurso escolar anterior à licenciatura, como já referimos.

<sup>30</sup> Associação verificada em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, vol. XXV (105-106), p. 211.

<sup>31</sup> Os resultados apurados a partir da nossa amostra revelam que nos grupos domésticos de origem dos estudantes formados por trabalhadores independentes predomina o Ensino Básico 1 (ou menos) e o peso deste grau escolar é o segundo entre as diversas origens de classe, logo a seguir ao dos operários industriais.

<sup>32</sup> Os estudantes filhos de trabalhadores independentes representam 6.4 % na nossa amostra, o valor mais baixo entre todas as classes de origem.

<sup>33</sup> No estudo que temos vindo a mobilizar como referência no que toca às propriedades escolares, os estudantes com esta classe de origem estão entre os que têm taxas de reprovação mais elevadas e, sobretudo taxas de excelência mais baixas, muitas vezes inferiores às dos estudantes descendentes de operários e de assalariados agrícolas e das pescas - ver Manuel Braga da Cruz, M. Eduarda Cruzeiro, Ema C. M. Leandro e Nelson Matias, (1992), *A PGA e os Estudantes Ingressados no Ensino Superior*, Instituto de Ciências Sociais, relatório de pesquisa, pp 41-57.

futuro mais elevadas, mas o que se verifica é que alguns estudantes com propriedades escolares semelhantes e de origens sociais com menos recursos assomam nas representações de posição social futura mais elevadas.

Que outros traços sociais dos inquiridos descendentes de trabalhadores independentes explicarão a sua particular falta de expectativas? Estes estudantes estão sobretudo presentes nas áreas de Letras e Artes, Economia e Gestão, Engenharias e Direito tal como os inquiridos com pais empregados executantes ou assalariados executantes pluriactivos<sup>34</sup>, o que significa que também não serão as áreas de formação privilegiadas que explicarão a sua particularidade. Não deverá tratar-se de uma especificidade em termos de sexo já que, como anteriormente referimos, não há diferenças assinaláveis na distribuição dos sexos pelas várias classes de origem.

Será que estes estudantes não encontram nas instituições de ensino superior condições que lhes permitam alimentar expectativas socialmente mais elevadas? A frequência do ensino superior constituirá para estes estudantes um investimento social menos significativo do que para os restantes? Será que a interiorização de disposições associadas ao carácter independente do trabalho e do estilo de vida dos pais, que não favorece nem referências societais, nem diversidade de relacionamentos sociais, nem sociabilidades interclassistas, leva a que os estudantes com esta origem de classe se envolvam menos nos investimentos escolares, culturais e sociais associados à frequência do ensino superior e tendam, pois, a baixar as projecções desses investimentos no futuro? Decorrerá esta particularidade essencialmente do facto de se tratar de uma modalidade quase residual (que corresponde, como vimos, apenas a 6.4% da amostra) e, portanto, relativamente à qual não é aconselhável extrapolar sentido analítico?

Convém, entretanto, não esquecer que estas expectativas são menos elevadas apenas em termos relativos, pois correspondem a graus de posicionamento mais altos do que os posicionamentos actuais. Mesmo para estes estudantes a frequência do ensino superior e o diploma de licenciatura estão associados a maior reconhecimento social.

Estas interrogações, pontuando o princípio do fim deste texto, constituem, antes de mais, incentivos ao desenvolvimento da pesquisa sobre este tema.

#### Considerações finais

Nesta comunicação pretendeu-se produzir alguns resultados, discutir algumas hipóteses e compôr algumas interrogações com vista ao desenvolvimento teórico e metodológico sobre a problemática das representações de posição social e sobre o tema do prestígio social e expectativas dos estudantes de licenciatura em Portugal.

Os resultados aqui apresentados reflectem, globalmente, representações de posição social e expectativas ajustadas a processos de reprodução social, mas também de alguma mobilidade intergeracional ascendente entre os estudantes de licenciatura em Portugal.

As expectativas em relação ao futuro, que podem ser interpretadas como investimentos considerados viáveis pelos estudantes, sendo sempre mais elevadas relativamente aos posicionamentos actuais revelam ainda confiança no sistema educativo, nas instituições de ensino superior e na sociedade portuguesa. Estas expectativas elevadas, só por si, contribuem para a constituição de orientações pró-activas e originam experimentações práticas dirigidas à sua viabilização. O ensino superior em Portugal surge aqui, pois, como produtor de dinâmicas sociais, enquanto contexto de elevação de expectativas e de algum alargamento da base social das expectativas mais elevadas.

Mas a realização dessas expectativas, como se sabe, depende também de factores estruturais e conjunturais cuja abertura em termos de oportunidades não tem actualmente a mesma amplitude que essas expectativas. E, como refere José

<sup>34</sup> Resultados de apuramentos estatísticos sobre a nossa amostra.

Madureira Pinto, os «potenciais de frustração (e de disrupção social) que uma escolarização ideologicamente transmutada em garantia de sucesso individual necessariamente promove»<sup>35</sup> não podem ser evitados, ou contidos, se a abertura do sistema de ensino superior não for acompanhado por uma requalificação do trabalho e pela criação de emprego.

Por sua vez, apesar da sua relativa abertura, não estarão criadas condições nas instituições de ensino superior em Portugal (e no sistema educativo globalmente, do qual o ensino superior é uma fase terminal) para que as expectativas mais elevadas dos estudantes sejam independentes das suas condições sociais.

## BIBLIOGRAFIA

*Análise Social*, (1968), 6 (20, 21) e 6 (22, 23, 24); (1969), 7 (25, 26); (1970), 8 (32);

ALMEIDA, João Ferreira de, (1986), *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS;

ALMEIDA, João Ferreira de, (1990), *Valores e Representações Sociais*, Lisboa, Col. Portugal – Os Próximos 20 Anos, Fundação Calouste Gulbenkian;

ALMEIDA, João Ferreira de, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, (1988), “Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº4;

ALVES, Mariana Gaio, (1988), “Inserção na vida activa de licenciados: a construção de identidades sociais e profissionais”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, pp. 131 – 148;

BALSA, Casimiro Marques (coord.), (1997), *O Perfil Socio-económico dos Estudantes do Ensino Superior*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, CEOS/CNASES, relatório de pesquisa;

BOURDIEU, Pierre, (1979), *La Distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit;

BOURDIEU, Pierre, (1984), *Homo Academicus*, Paris, Les Éditions de Minuit;

BOURDIEU, Pierre e Jean-Claude Passeron, (s/d), *A Reprodução*, Lisboa, Editorial Vega;

BOURDIEU, Pierre e Jean-Claude Passeron, (1985), *Les Héritiers*, Paris, Les Éditions de Minuit;

CARAÇA, J. M. G., P. Conceição e M. V. Heitor, (1996), “Uma perspectiva sobre a missão das universidades”, *Análise Social*, vol. XXXI, nº 139, pp. 1201 - 1234;

CASANOVA, José Luís, (1993), *Estudantes Universitários – Composição Social, Representações e Valores*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais;

COSTA, António Firmino da, (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora;

COSTA, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, (1990), “Estudantes e amigos – trajectórias de classe e redes de sociabilidade”, *Análise Social*, vol. XXV (105-106), pp. 193-221;

COXON, A. P. M., P. M. Davies e C. L. Jones, (1986), *Images of Social Stratification*, Londres, Sage Publications;

---

<sup>35</sup> José Madureira Pinto, (2000), “Flexibilidade, segurança e identidades socio-profissionais”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 19-20, p. 37.

CRUZ, Manuel Braga da, M. Eduarda Cruzeiro, Ema C. M. Leandro e Nelson Matias, (1992), *A PGA e os Estudantes Ingressados no Ensino Superior*, Instituto de Ciências Sociais, relatório de pesquisa;

GAGO, José Mariano (coord.), (1994), *Prospectiva do Ensino Superior em Portugal*, Lisboa, Dep. de Gestão e Programação Financeira – Ministério da Educação;

GRÁCIO, Sérgio, (1986), *Política Educativa como Tecnologia Social – As Reformas do Ensino Técnico de 1948 e de 1983*, Lisboa, Livros Horizonte;

LEANDRO, Ema A.C.M., (1985), *Acesso ao Ensino Superior – Análise de Dados Estatísticos*, Lisboa, Ministério da Educação, Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior;

MACHADO, Fernando Luís, António Firmino da Costa e João Ferreira de Almeida, (1989), “Identidades e orientações dos estudantes – classes, convergências, especificidades”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 27/28;

PINTO, José Madureira Pinto, (2000), “Flexibilidade, segurança e identidades socio-profissionais”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 19-20, pp. 5 - 39;

RESENDE, José M., (1988), “Representações, estratégias e práticas sociais no campo universitário”, in *Actas da I Conferência Internacional de Sociologia da Educação*, Faro, Escola Superior de Educação, pp. 150 – 211;

RESENDE, José M. e Maria Manuel Vieira, (1992), “Entre a autonomia e a dependência: a realidade do sistema de ensino superior politécnico em Portugal”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 11, pp. 89 – 110;

RESENDE, José M. e Maria Manuel Vieira, (1993), “A sociologia e o ensino superior em Portugal: um levantamento e algumas interrogações”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 12 – 13, pp. 53 – 79;

*Revista Crítica de Ciências Sociais*, (1989), nº 27/28;

SEIXAS, Ana Maria M., (1993), “Educação e mercado de trabalho: representações sociais de estudantes do ensino superior politécnico”, in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, vol. 1, Lisboa, Ed. Fragmentos, pp. 336 - 355;

SERUYA, José M., (1983), *Sistema Educativo e Políticas de Educação em Portugal – O Ensino Secundário e Superior entre 1970 e 1982*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, colecção “Estudos e Documentos”, nº 9;

TURNER, B. S., (1989), *Status*, Editorial Estampa, Lisboa;

VALA, Jorge e António Caetano, (1993), “Atitudes dos estudantes universitários face às novas tecnologias de informação: construção de um modelo de análise”, *Análise Social*, vol. XXVIII, nº 122, pp. 523 - 554;

VIEIRA, Maria Manuel, (1995), “Transformação recente no campo do ensino superior”, *Análise Social*, vol. XXX, nº 131-132, pp. 315 – 376;

WARNER, W. Lloyd et al., (1963), *Yankee City*, New Haven e Londres, Yale University Press;

WEBER, M., “Classes, status e partidos”, in M. Braga da Cruz (org.), (1989), *Teorias Sociológicas*, vol 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;